

A LITERATURA ROMANESCA À LUZ DA COMPLEXIDADE E DA SEMIÓTICA: UMA REFLEXÃO TRANSDISCIPLINAR

Jane Cristina Baptista da Silva¹
profjanebaptista@hotmail.com

Rita de Cássia Ribeiro Voss²
riberita@gmail.com

RESUMO: O artigo reflete sobre a literatura romanesca direcionada aos adolescentes do ensino básico, do ponto de vista da Complexidade, para compreender a natureza da inter e da transdisciplinaridade. Oferece, utilizando-se do instrumental da Semiótica, os quadrados greimasianos, um esquema compreensivo que envolve alunos e professores na manutenção da disciplina como um saber formal e exterior ao sujeito e as possibilidades de ruptura paradigmática.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Complexidade, Transdisciplinaridade.

ABSTRACT: *The article is a thought about the fictitious literature aimed to teenagers from high school, on the point of view of the Complex Thoughts, to understand the nature of the inter and trans subjects. It offers, using the Semiotics Theories, Greimas' squares, a comprehensive model which implicate students and teachers in the support of the subject as a formal knowledge and out of the individual and the possibilities of a paradigmatic rupture.*

KEYWORDS: *Literature, Complexity, Semiotic, Transdisciplinarity.*

Caminhos e abordagens

As necessidades e possibilidades de leitura nas sociedades complexas induzem a repensar os modos pelos quais a literatura é apresentada aos jovens nas escolas. Geralmente, tal apresentação

¹ Jane Cristina Baptista é mestranda no Programa de Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da Universidade Braz Cubas.

² Rita de Cássia Ribeiro Voss é doutora em Educação, professora do Mestrado em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação da Universidade Braz Cubas, coordenadora do grupo de pesquisa EDUCOM – Educação e complexidade e pós-doutaranda na PUCSP.

parece atender a uma formalidade, sem considerar no contexto contemporâneo, a importância da literatura para a formação de um leitor crítico. Sem acionar os estados subjetivos que levam à compreensão do conteúdo e à reorganização da leitura em função da experiência pessoal e do repertório individual, limitam-se as possibilidades de vislumbrar a riqueza de significado latente no texto e de tomá-lo como instrumento para o desenvolvimento da lógica, da capacidade de análise, interpretação e síntese, que proporcionam a autonomia do sujeito cognoscente para perceber o mundo e a si mesmo. O motivo para subestimar o papel da leitura para a cognição deve-se a uma imposição de leitura que visa cumprir as metas dos conteúdos programáticos, principalmente, no que diz respeito aos temas, livros e autores que devem ser lidos para o vestibular. Ainda que esses conteúdos devam ser considerados, é preciso pensar o papel do professor como mediador do desenvolvimento das capacidades cognitivas e sistema de valores importantes para a vida por meio da leitura.

Uma questão emerge destas considerações iniciais: De que forma a literatura pode “extrair” o que há de mais significativo no sentido de colocar em movimento saberes importantes para a vida e para o mundo onde o aluno está inserido, evitando acumular, como afirma Edgar Morin (2007), “saberes empilhados”. Uma característica importante da literatura é sua dimensão ética/estética para narrar a condição humana, o drama antropológico fundamental: quem somos, de onde viemos e para onde vamos. Para preencher essa brecha antropológica, a literatura mobiliza a dimensão afetiva e dela faz emergir a emoção estética capaz de despertar o pertencimento à espécie na dinâmica do processo de projeção e identificação com os personagens do romance. O professor deve, então, mobilizar tal emoção estética? Se assim for, há que pensar uma reforma paradigmática para reconhecer o que na literatura nunca esteve separada: as dimensões afetivas e racionais integradas do homem.

Em razão disso, propomos refletir sobre os paradigmas de leitura que fundamentam a permanência dos modelos formais de ensino de literatura; e a possibilidade de sua ruptura por uma dupla via, a complexidade e a semiótica greimasiana, capaz de fornecer instrumentos para tratar a literatura como disciplina que, por força de seu conteúdo simbólico, realiza o trânsito de saberes no sistema dos valores culturais.

A complexidade

A complexidade é uma abertura cognitiva, significa tecer junto. Propõe a construção de metapontos de vista, operadores cognitivos, que colocam em movimento o pensamento, valendo-se de trânsito de saberes, de noções e de conceitos das várias disciplinas. Transpõe as barreiras cognitivas para pensar os problemas que demandam uma análise sistêmica, relacional e processual entre os componentes individuais que compõem o todo. Para afrontar os problemas do meio ambiente, por exemplo, é preciso entender a vida, o mundo, dentro de um ecossistema. A ecologia, por sua natureza polidisciplinar, tece os problemas ambientais com a contribuição de várias ciências como a biologia, a economia, a geografia, a geologia, a sociologia, a ética. Um exemplo ilustra e simplifica o que queremos dizer. A ecologia é uma colcha de retalhos - as várias disciplinas -, que se associam por uma linha mestra, o problema ambiental, o metaponto de vista.

No que diz respeito à literatura, segundo Marc Fumaroli (2007), é a fonte mestra e instrumento de organização das disciplinas vizinhas como História, Artes e Geografia. Tais “passarelas”, para o autor, são numerosas e importantes, e deveriam estar presentes “no espírito de professores e alunos”. O autor enfatiza tais relações no livro organizado por Edgar Morin, *Religação dos Saberes*, perguntando: *Seria necessário, lembrar que, para os antigos retóricos, a questão do ritmo da frase e do período, a questão da eufonia, enfim, a questão da música é inerente à beleza literária?* (p.276).

Quanto ao gênero romanesco, cujo valor pedagógico na formação dos jovens ressaltamos nesse artigo, Edgar Morin o identifica na origem do cinema, que se circunscreve na relação do herói com o mundo no cotidiano. É justamente a transposição do gênero para o cinema que se dará a sua popularização. O romance assim como o cinema são acionadores cognitivos importantes para o conhecimento, uma vez que o leitor passa, por meio da cartase, por um processo de projeção e identificação, que o aproxima dos dramas cotidianos humanos, dos valores em jogo na trama e com a sina e condição humana que encerram o bem e o mal.

Além do mais, os grandes romances de Balzac, Dickens, Tolstoi e Dostoievski inscrevem seus personagens na própria vida. Eles dão a ver a subjetividade humana no centro de certo meio, certo tempo, certa história. É uma contribuição importante da literatura ao conhecimento do ser humano, ao conhecimento das relações ente os humanos, ao conhecimento da sociedade e dos tempos históricos (Morin, 2007, p. 271).

Mas nas escolas o manancial de valores que o romance produz induzindo o aluno à reflexão crítica é subestimada ou não reconhecida, na prática, pelos professores de Ensino Básico. A situação revela a permanência de um paradigma da separação do homem do conhecimento que ela cria. No entanto, está-se aqui a falar de um conhecimento que também é autoconhecimento. A religação dos saberes enfrenta o paradigma da separação entre sujeito e objeto do conhecimento, do homem do mundo onde habita, do espírito aliado do corpo, da razão apartada da emoção, que resultaram do desenvolvimento da filosofia e ciência clássicas. Ao criticar os princípios cartesianos da fragmentação, simplificação, descontextualização e reducionismo científico que norteiam as estruturas e normas educacionais, a complexidade inspira uma reforma paradigmática que desvela o caráter multidimensional do homem e da vida, especialmente no que tange à sensibilidade, à emoção e ao sentimento.

Morin (1998) nega, por exemplo, que a literatura é uma disciplina que deva ser estudada ou dissecada de maneira formal e exterior. Ao contrário, a literatura proporciona, para além de uma dimensão educativa convencional, referenciais éticos e estéticos para a formação do sujeito, que precisa mobilizar saberes, subjetivamente organizados, em interação com o seu meio. Como atesta Fumarelli (ibidem), a literatura, sua variedade e riqueza de sentidos, ensina o discernimento moral, fornece valores para julgar e discernir as escolhas. Ensina, principalmente, a discernir o erro e a ilusão que parasitam o conhecimento humano.

Diante dessas considerações de caráter paradigmático, é necessário uma mudança de postura dos docentes frente às demandas modernas por um pensamento reorganizador para possibilitar o

trânsito das disciplinas separadas pelo pensamento redutor e fragmentado. À abertura cognitiva para romper as fronteiras disciplinares e promover uma comunicação profícua entre elas, deve ocorrer, conseqüentemente, um pensamento transdisciplinar, possibilitando aos discentes usufruir da diversidade e a liberdade de escolha literária dentro de um sistema de valores construído no espaço da relação professor/aluno – leitura/prazer. A literatura, ela própria, pode se constituir como um dos possíveis eixos transdisciplinares nos futuros currículos, que restabeleça o valor estético/ético da educação. A literatura romanesca proporciona aos adolescentes firmarem-se como seres humanos dotados de sentimentos de verdades, isto é, dessa prática emerge todas as capacidades que estão por desabrochar.

Para que a mudança de postura e a nova visão de mundo aconteçam, é necessário que o professor, além da prática transdisciplinar, aqui sugerida, possa ele mesmo encantar-se com a literatura, com a possibilidade de reflexão sobre o homem e nela encontrar-se numa atividade de religação da razão e da emoção. É no ambiente escolar que este elo forte une, orienta e seduz o adolescente para essa prática. Viver no mundo contemporâneo é estar todo o tempo diante dos mais diferentes textos. É *ler e reler* o mundo em toda a sua complexidade. Para isso, a semiótica oferece esquemas onde emergem as tensões, oposições complementares nos discursos, muito além da semântica, para encontrar nas leituras suas múltiplas possibilidades.

Esquema semiótico, leitura e imposição

A Semiótica é, dentre outras, uma ferramenta poderosa que possibilita inúmeras leituras do mundo simbólico que constituem os discursos manifestos. A abordagem semiótica da dimensão complexa do discurso literário, o *poder-fazer-criar*, demonstra o forte poder de sedução que dele emana, possibilitando entender o significativo de uma cultura, isto é, o percurso gerativo de sentido de sua sintaxe discursiva e da semântica profunda. A resistência à compreensão complexa da literatura romanesca e da escolha dos livros a serem lidos pelos alunos, segundo um sistema de valores e a identificação da origem discursiva de dimensões valorativas e estéticas no livre trânsito dos saberes multidisciplinares podem ser esquematizadas pelo quadrado greimasiano.

Os estudos da *semiótica literária* esclarecem os princípios estéticos como a mimese, a verossimilhança. É a transposição da vida para a arte, presente na literatura romanesca, que seduz os leitores. Segundo Cidmar Pais (2003), os universos dos discursos literários constituem-se em metáforas que funcionam como um exemplo para a vida, “um tal qual”. Daí, o seu caráter de sistema de valores:

A verossimilhança, retomada da Antiguidade greco-romana, no Renascimento, ainda desempenha algum papel entre os sujeitos- enunciatários-leitores. Trata-se do princípio estético grego da *mýmesis*: “a arte imita a vida”. A modalidade complexa que se salienta é a do poder-fazer-criar. Os universos de discurso literário seduzem o leitor/ouvinte. Caracterizam-se como ficcionais, despertam emoções, suscitam o prazer do texto e constituem, geralmente, não ‘imitações da vida’, mas metáforas da vida, que conduzem a uma compreensão desta.

É, então, possível vislumbrar os valores do “discurso da imposição” num esquema explicativo que sustenta a permanência do paradigma fragmentado e redutor. Este instrumental demonstra o programa narrativo dos educadores e dos alunos em busca de seus objetos de valor. Também é possível entender a sedução que os ‘grandes textos’ exerce no leitor, os adjuvantes que realçam o discurso e seus oponentes, conforme os esquemas do quadrado greimasiano representado nas figuras abaixo.

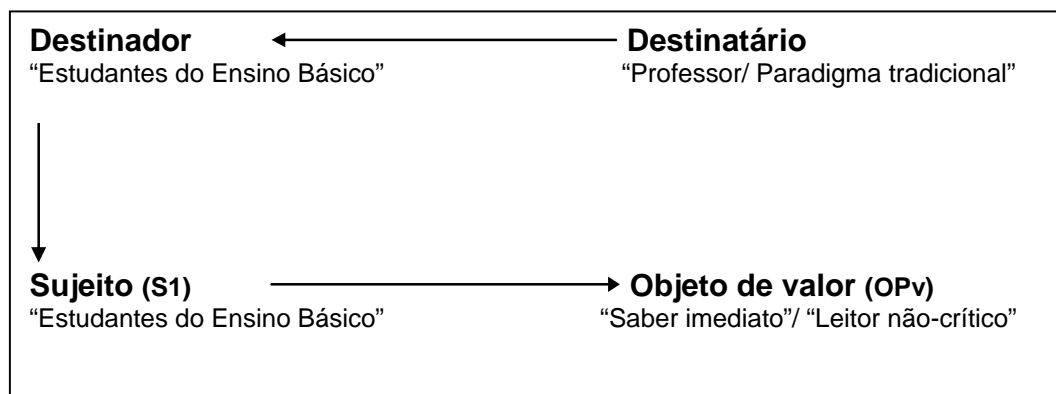


Figura 1. Papéis Actanciais e suas relações com atores

O destinador, o estudante do Ensino Básico, tomado como sujeito passivo pelo destinatário, o professor que adota o paradigma tradicional, constitui o objeto de valor subestimado, o saber

imediatamente, não crítico. A não-criticidade deve-se, aqui, a uma formação que não aproxima as dimensões objetivas do conhecimento escolar às dimensões subjetivas. É no encontro do conhecimento com o autoconhecimento, dado pela liberdade de escolha e pela aproximação e trânsito das disciplinas, que um saber autônomo e singular possibilita a criação de modelos inusitados para compreender o mundo, a vida e a si mesmo, como é possível ver na figura a seguir.

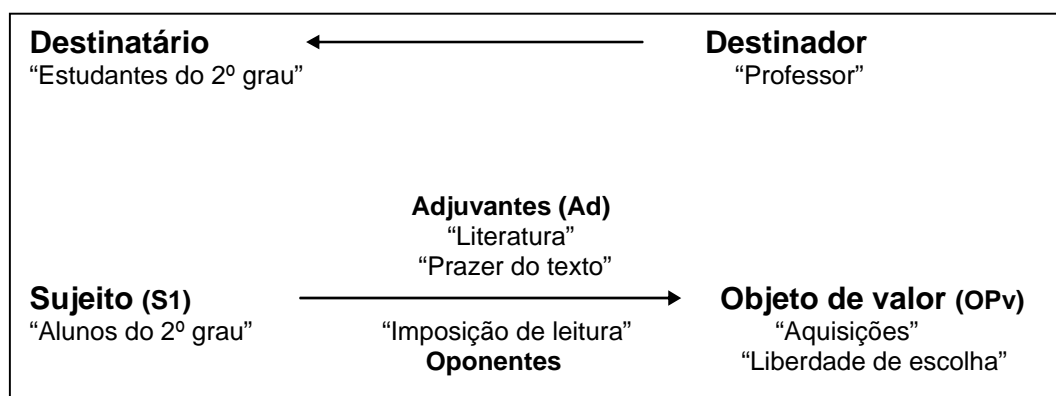


Figura 2. Leituras Possíveis do Esquema Canônico no Discurso Literário

Como considerações finais, podemos repensar o importante papel que os educadores desempenham na condução das aquisições, conduzindo os adolescentes a trilhar ‘caminhos’ que não os encantam. É preferível possibilitar a criação de valores por meio dos grandes textos, sistemas exemplares, universos metafóricos, para cultivar o bem e o belo como base dos julgamentos e das escolhas literárias, e, também, quanto aos problemas da vida. A perspectiva transdisciplinar abre as possibilidades de exercitar a liberdade de tráfegar livremente pelas disciplinas e, como resultado, experimentar as expressões artísticas, fazer emergir a criatividade literária e a compreensão da condição humana.

BIBLIOGRAFIA

FUMAROLI, Marc. A literatura: preparação para tornar-se pessoa. In: **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 2.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

MORIN, Edgar. **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**. 2.ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2002.

PAIS, Cidmar Teodoro e BARBOSA, Maria Aparecida. **Tradition orale, littérature populaire et discours**.

Ethno-littéraire: approche sémantique et lexicale. *Textures Cahiers du CEMIA*. Lyon, Lyon 2, v.10, p.11-25, 2003.